



Uece/Feclesc- Universidade Estadual do Ceará

Língua Portuguesa na Escola: Perspectiva Histórica do Ensino da Gramática no Município de Itapiúna.

MOURA, Maria Lenúcia de*

LIMA, Antonia Alana Primo de**

TEMÓTEO, Francisca Raquel de Oliveira***

CARVALHO, José Jucélio de Lima****

Resumo: este trabalho tem como finalidade estabelecer uma análise da perspectiva histórica do ensino de gramática no município de Itapiúna. Além de apresentar olhares de professores sobre o ensino da gramática, sobretudo no que tange a construção histórica dos diversos níveis do ensino. Levando em conta a situação educacional do país em um sistema histórico-político dos anos de 1950 até os dias atuais. Assim essa análise terá uma visão mais próxima do professor em seu ambiente de trabalho.

PALAVRAS-CHAVES: histórica, gramática, Itapiúna, ensino e professor.

*professora da disciplina didática do curso de letras-português da Universidade Estadual do Ceará UECE/FECLESC de Quixadá. Graduada no curso de pedagogia. E-mail: mlemoura@yahoo.com

**aluna do 3º semestre do curso de letras-português da Universidade Estadual do Ceará UECE/FECLESC de Quixadá-CE. E-mail: alanaprimo@hotmail.com

***aluna do 3º semestre do curso de letras-português da Universidade Estadual do Ceará UECE/FECLESC de Quixadá. E-mail: rakelwho@gmail.com

****Aluno do 3º semestre do curso de letras-português da Universidade Estadual do Ceará UECE/FECLESC de Quixadá. E-mail: jjuceliocarvalho@bol.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o ensino da gramática no ensino médio do município de Itapiúna. Os aspectos do ensino e aprendizagem, levando em conta o contexto político social no país na década de 1957 aos dias atuais. Detalhar a influência da língua portuguesa, e de que maneira se desenvolveu após a ditadura militar e suas vertentes no processo de ensino laico e democrático por direito.

Esta pesquisa relata o acontecimento histórico, baseando-nos na evolução das aulas de gramática, e as metodologias que estavam sendo utilizadas naquela década, até atualidade. É de extrema relevância historiar este período buscando perceber o ensino da gramática por professores e realizar uma comparação desses períodos no intuito de demonstrar um esclarecimento da real situação da gramática normativa perante alunos e professores. Assim, esse trabalho é de grande valor do ensino de língua portuguesa. Como citado, por meio desse estudo procura-mo-nos alternativas didáticas, para que possamos entender as diferentes variações do contexto linguístico dos falantes da língua materna. No processo de historicidade dos estudos, vimos à necessidade de elevar nossos conhecimentos, na busca constante de respostas mais claras e objetivas.

E dentro deste processo de gramatização, a história desempenhou um papel importante, servindo de base teórica e científica para a preparação dos instrumentos linguísticos que foram produzidos nos meados do século XX e ao início do século XXI. Nosso objetivo, com este breve trabalho, é entender um pouco melhor de que maneira a gramática e a história se relacionam.

Diante de recorrentes faltas de respostas, a propósito de analisar a gramática dialética no contexto de alfabetização dos alunos concludentes e atuais. Tendo como base fontes históricas e culturais do nosso município. Ao buscamos nos professores questões e respostas, que possam alterar esse processo de ensino de gramática normativa na sala de aula. Além de observarmos que nesse processo a ideia de que a contribuição do ensino da gramática para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em todas as disciplinas, só se dará se todos os professores de todas as disciplinas revisarem conceitos e

imagens correntes da disciplina gramática que essa é diretamente aplicada no meio social de cada indivíduo.

Fazer uma amostra para os professores novos horizontes que possam por meio desse estudo, ter uma noção crítica da gramática, deixando de lado a metodologia fechada, para utilizar uma gramática contextualizada, fazendo com que os alunos possam ter contato tanto com o ensino da própria no “falar e escrever corretamente” e nas descrições metalinguísticas da gramática teórico-descritiva. Ensinar esse processo corretamente seria uma forma de aprender as regras da gramática normativa e um rol de nomenclaturas como textos literários e de outros gêneros. Para desenvolver a capacidade crítica dos professores para que os docentes de língua portuguesa analisem de forma clara a realidade do ensino da morfologia, sintaxe e semântica. Articular os conhecimentos adquiridos sobre o “como” ensinar e refletir sobre “para quem ensinar” “o que ensinar” e o “por que ensinar” é um dos desafios da didática.

Ao avaliarmos a situação atual, percebemos que ainda hoje a gramática manifesta tendenciosa preferência literária, reforçando o dialeto padrão e silenciando as demais variedades. Apesar das críticas à gramática, como também de propostas referentes ao ensino da língua que advogam pela necessidade de não se confundir ensino de língua materna com ensino de gramática, esta ainda é, na maioria das vezes, o único objeto de ensino em aulas de língua portuguesa. Pode-se afirmar que, sobretudo no que concerne ao conceito de gramática normativa, é possível ainda arriscar um desdobramento que resulte na ocorrência de dois outros tipos de gramática: a normativa pedagógica, que não são senão os célebres manuais didáticos, isto é, livros “preparados com a clara intenção de adoção em sala de aula, por isso mesmo com apresentação de exercícios após a lição teórica” e a normativa teórica, aquela que, sem uma explícita intenção didática, procura registrar regras e preceitos voltados para o uso supostamente correto de um determinado idioma, a partir de uma variante culta que se constitui, assim, na norma padrão da língua.

Nos últimos anos, com os avanços das ciências relacionadas à linguagem, muito se tem discutido e pesquisado sobre o ensino de gramática, há até quem

questione sobre ensina-la ou não. Atualmente, a ideia que se tem é de que ela deve ser trabalhada na escola, e o questionamento volta-se para como se deve fazê-lo. Um passo importante a ser dado quando se trata de questões da língua, em especialmente da Língua Portuguesa é ter plena consciência de que a gramática normativa não pode ser tomada como verdade absoluta. O ensino de língua materna na sala de aula, mais especificamente o ensino de gramática, tem sido foco de muitas discussões no sentido de estabelecer novas bases teóricas e práticas, visto que tal ensino encontra-se distante da realidade de seus aprendentes, não fazendo nenhum sentido para eles.

Como cita a autora Otaiza Romanelle, a educação sempre teve o significado de desenvolvimento, podemos perceber que o sistema educacional teve dois momentos no ano de 1964:

“Destacamos, na primeira fase, a expansão da demanda social da educação e suas bases sociais e econômicas, expansão do ensino, que seguiu a ela, e a criação de mecanismo para levantar recursos para essa expansão, como, por exemplo, a instituição do salário-educação. Como o governo assumiu papel acumulado de capital para promover a expansão econômica, essa fase vai caracterizar-se por uma expansão de ensino, embora grande, teve de ser contida dentro de certos limites, a fim de não comprometer a política econômica adotada.” (p.196; 6º parágrafo).

A mesma autora fala que na segunda fase já se pensava em uma política de educação para tentar uma resolução do sistema educacional sem a presa do retorno imediato, veja na citação abaixo:

“O segundo momento começou as medidas práticas, em curto prazo, tomadas pelo momento que se consubstanciou, depois no delineamento de uma política de educação que já não via urgência de se resolverem problemas imediatos, ditados pela crise, motivo único para reformar o sistema educacional”. (p. 196, 4º parágrafo).

Tal postura pedagógica nos conduziu para esse estudo. Nesse artigo, procuraremos analisar como acontece o ensino de gramática ao olhar de

diferentes concepções, como se dão as aulas de português e como os alunos absolve esse ensino, além disto, faremos uma pesquisa com alunos e professores antigos e atuais de nosso município. Através desses depoimentos será feita uma análise social deste município sobre a evolução do ensino e como eram empregadas as disciplinas, mas especificamente, a gramática. É importante que o professor considere que o ensino da língua não se restringe a determinação do certo e do errado, mas a reflexão sobre a adequação da linguagem a determinados contextos e de ser capaz de produzir efeitos pretendidos.

Capítulo I

Município de Itapiúna: perspectiva histórica e ensino da gramática.

A educação sempre foi um assunto polêmico, ao longo da história do nosso país. Por muitas vezes aconteceram vários debates e conflitos entre igreja, governo, exército, educadores entre outros, com a intenção de definir o rumo da educação no Brasil. No ano de 1958, o deputado Carlos Lacerda criou o seu terceiro substitutivo com o propósito de romper com o monopólio que o estado exercia sobre a educação e garantir deste, um financiamento para escolas particulares. A igreja católica teve uma determinante influência no ensino brasileiro estando a favor de Lacerda, no intuito de ter um ensino religioso obrigatório.

Neste mesmo período o município Itapiúna não pertencia mais a Baturité. Sendo agora um município autônomo, fazem-se necessários administradores para a nova cidade. Assim, após o plebiscito para decidir “sim ou não” a emancipação, Itapiúna entra em nova fase decisiva, é enunciada a primeira eleição municipal”. No entanto, para surpresa de muitos, apresenta-se como candidato o homem contra a emancipação: Jose Bezerra Campelo entra mais uma vez em ação. (o caso da emancipação de Itapiúna; p. 49; parágrafo 4º)

As primeiras escolas de Itapiúna, são poucos os seus relatos, não há uma fonte que nos traga informações seguras sobre a estrutura e escola municipais e estaduais. Ao entrevistamos uma professora que começou a lecionar no ano

de 1959, D. Maria Aparecida, nos informou que havia uma escola que pertencia ao município de Baturité, a escola estadual Demócrito do Rocha, onde hoje funciona a creche, logo depois construído a CCA e depois passou a ser CCCA que hoje em dia é o Demócrito do Rocha.

Como vimos, o processo do ensino de Itapiúna teve seus momentos educacionais com mudanças na estrutura escolar.

Com esse apoio o “substitutivo Lacerda” teve grande força na câmara dos deputados, porém encontrou forte oposição entre alguns educadores da velha geração dos pioneiros junto com os profissionais de outras áreas. Esses formaram um grupo chamado Campanha em Defesa da Escola Pública e também, apresentaram um substitutivo que foi levado à câmara pelo deputado Celso Brant. Com ambos substitutivos em mãos a câmara chega-se a um acordo com os partidos nomeando uma subcomissão relatora para uma averiguação destes textos, para então elaborar um anteprojeto. O novo documento aproximou-se do “substitutivo Lacerda” ao mesmo tempo com uma distância, apenas mantendo seus fundamentos nos direitos a família e o favorecimento da escola privada.

1.2 Brasil: educação na ditadura.

Na história da educação brasileira, precisamente na ditadura militar pensava-se em acabar com analfabetismo por meio de um programa nacional, levando-se em conta as diferenças sociais, econômicas e culturais de cada região. Neste período alguns educadores tiveram uma grande parcela de contribuição para o desenvolvimento da educação no Brasil, tais como: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Paulo Freire e outros. Como de praxe toda história tem seus duros sofrimentos com os educadores não foi diferente, perseguidos por função de posicionamento ideológico e muitos foram exilados, demitidos ou eram trocados de função.

O regime militar espelhou na educação o caráter de governo, professores foram presos e demitidos, universidades foram invadidas; estudantes foram presos e alguns foram até mortos.

Os jovens protestavam contra os acordos entre o Ministério da Educação e a United Agency for International Development, mas conhecidos como MEC-Usaid- para as esquerdas, seria a infiltração imperialista na educação brasileira, colocando em risco o ensino público e gratuito através da transformação das universidades em empresas a serviço do modelo capitalista, sem que fossem resolvidos seus problemas. O acordo previa o pagamento da anuidade nas universidades, o que foi boicotado pelos alunos em várias passeatas, acontecendo, não raro, confrontos com a polícia. (Farias,2012, p. 399).

Capítulo II

Ensino de gramática: o que é? E Como acontece no quadro social

O ensino da gramática segundo Aroldo Magno (2006), estão assentados no “falar e escrever corretamente”, nesse conjunto as regras da gramática normativa é uma junção de nomenclaturas. Quando falamos de gramática implícita estamos nos referindo a um conjunto de desvios, uma vez que não atende às regras pré-estabelecidas nas gramáticas (normativa, teórico-descritiva, implícita ou internalizada). Saber português é saber regras de acentuação, ortografia, reconhecer categorias gramaticais e funções sintáticas, etc.

2.1 As aulas de português na década de 1950: o contexto de Itapiúna.

Por meio de entrevista com a primeira professora Maria, ela nos relatou que no seu tempo de escola, o ensino era pautado no estudo do alfabeto, pela cartilha do abc, depois que terminavam o abc é que os alunos passavam para a cartilha que iriam soletrar, “b-o bo, l-a la, c-a ca”. Como eles conheciam as letras, as professoras pegavam um pedaço de papel fazia uma roda e colocava sobre as letras, começava do A até o último e depois voltava e ia saltando, era para conhecer qual era a letra, e assim por diante. Depois da cartilha eles passavam para o primeiro livro, e depois para o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto livro que era a história sagrada, esse era, segundo a entrevistada, muito importante, no qual dava a qualificação para exercer as funções sociais, como por exemplo, a de professor.

Tendo em vista que esse ensino permaneceu nas décadas de 60 até meados de 80, quando houve uma mudança no conteúdo de ensino. Antes a matemática e o português eram as únicas disciplinas a serem ensinadas e aprendidas, pois tal sistema introduzia que era necessária apenas o ler, escrever e fazer contas, que serviria para a sociedade.

2.2 Os procedimentos do ensino da gramática.

Nos anos de 80, segundo os ex-alunos e atuais professores Assis e João Pereira, as Os professores davam aulas usando textos que já traziam o ensino da gramática. Esses textos eram retirados dos livros didáticos e muitas vezes transcritos na lousa, com o acompanhamento de várias atividades sobre o texto. O professores que davam as aulas eram os mesmos para todas as turmas, assim dificultava no ensino das aulas, logo, porque eles não dominavam todas as disciplinas. Mesmo com tal carência de materiais para pesquisa, como computadores, livros entre outros, os alunos tinham um aproveitamento maior sobre os conteúdos, diferentemente dos dias atuais, que se tem várias ferramentas para pesquisa e pouco interesse da parte dos alunos para com os estudos.

Nas últimas duas décadas as estruturas de ensino não tem sido muito ruins, pois temos escolas com ampla área de formação dentro dos limites da escola pública. Professor Cosme Alves afirma que “o caminho do aluno, o próprio aluno começa a trilhar. Buscando nos livros seu amplo conhecimento afinal se não buscarmos novas fontes ficaríamos fadados a um conhecimento restrito”.

2.3 a visão dos professores: análise estrutural

Na visão dos professores daquela década a estrutura da escola era precária oferecendo poucos aparatos ou melhor, recursos pedagógicos suficientes para se planejar uma aula. Era tudo muito restrito desde o apoio pedagógico a estrutura da sala, que contava apenas com giz, quadro negro e livro didático para apenas parte da turma.

Atualmente a estrutura da escola, segundo os professores, é boa e contribui com o máximo possível, contam com a biblioteca, laboratórios e computadores, porém ainda há uma grande deficiência quando se trata de quantidade para demanda da necessidade, entretanto não ficam restritos a essa deficiência, buscam novas alternativas de pesquisas que contribuem nos conteúdos.

A metodologia, segundo os professores entrevistados, era utilizada a forma tradicional, com aulas expositivas e muitas informações copiadas no quadro. Nesse período era normal, pois o sistema da educação tinha esta visão do aluno como absorvedor de informações. Relataram que seus métodos de ensino são restritos e que tinha pouca liberdade no âmbito de trabalho, pois tinha o coordenador(a) como um fiscal, somente se sentiam em liberdade quando estavam a sois com seus alunos. Nos últimos anos, tem se tentado mudar esta visão de ensino na qual busca adequar-se as situações sociais e tecnológicas.

Os professores fazem o uso dos materiais tecnológicos, utilizando áudio e vídeo que possam ajudar no desenvolvimento da aula e na resolução dos trabalhos de leituras e escritas. Sendo assim, há mais liberdade de ações metodológicas e democrática que reinam no ambiente de trabalho.

2.4 aula de português: concepção e contextualização.

Para uns dos professores entrevistados as aulas de português são extremamente importante para o crescimento intelectual em todas as demais disciplinas. Segundo o próprio, “quem ler bem e escreve com facilidade, tem tudo para se tornar um profissional qualificado em qualquer área do conhecimento”. Um outro professor, relata que o objetivo continua sendo para ensinar o aluno a ler e escrever (o ensino da nova metodologia não está funcionando). Os alunos terminam 9^a ano sem saberem ler e escrever (isso seria a maior parte dos alunos).

Segundo o professor Cosme Alves recém-formado, diz que: “creio que o objetivo principal seria a fala e depois disso um livro, seja literatura, gramática e etc. É necessário que antes de ensinar e debater, o professor tem que conhecer e amar a língua”. Tendo como base o conhecimento da língua,

usando e ou não. Conhecer e dominar a língua materna deve ser o foco principal. Ao contrário o professor João Pereira diz: “Claro que a gramática não deve ser o foco principal das aulas de português atualmente. Há uma necessidade de interdisciplinar o ensino e virtude da cobrança realizada nos exames de vestibular e Enem”.

Segundo João Pereira é evidente que a gramática contextualizada torna o ensino mais atraente, menos cansativo, pois dar aula de gramática puramente dita para os alunos de hoje, é mesmo que “transportar água em vasilhame furado”. Para o professor Assis o problema de ensinar a gramática está na falta de compromisso de alunos e dos pais para se chega a um valor que não está sendo dado aos estudos. Com ideias totalmente contraditórias aos acima citados o professor Cosme Alves diz: posso está sendo meio ou todo radical, mas as aulas de gramática normativa deve ser ensinado gramática normativa. Não existe a gramática contextualizada quando se usa texto para explicar gramática pura.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar como era o ensino de gramática na alfabetização dos alunos concludentes e atuais, dentro de uma perspectiva histórica do município de Itapiúna, mas especialmente na sede, considerando o ensino fundamental.

Considerou-se o uso das aulas de português no desenvolvimento de aprendizagem da gramática, ao reproduzir os procedimentos tradicionais para o ensino da gramática, abandonando apenas o fato de saber ler e escrever como as duas ferramentas de aprendizagem.

Apesar dos resultados que obtemos, não terem sido muito satisfatórios, já que se trata de um estudo que cuja as fontes foram as entrevistas, pode-se afirmar que o trabalho é válido. Mesmo com estas restrições, acredita-se que este estudo trouxe contribuições teóricas e práticas, quando se trata do objeto proposto, já que indicou um caminho de como acontecerá o ensino de Língua Portuguesa e como são trabalhados nos dias atuais.

Com base nas análises dos resultados, foi possível identificar que o ensino da gramática tem idealizações diferentes por surgir entre os professores uma visão diferenciada de como trabalhar a gramática normativa. Há uma parcial comprovação que o ensino é visto com olhares ou perspectivas futuras, já que, A) uma que não dá para ensinar gramática normativa quando se trabalha um texto normativo, buscando nele uma contextualização, como afirma o professor Cosme Alves. B) é necessário ensinar a ler e escrever corretamente com métodos tradicionais, olhando o conteúdo e rescrevendo. Entender essa coleta de dados não foi fácil, pois há uma mudança histórica, as quais foram relatadas nas pesquisas por intermédio de questionários aos professores e alunos, os mesmos, relatam práticas pedagógicas e diferentes métodos de ensino.

Foi possível, também, detectar que a partir da análise dos resultados obtidos, a maioria das entrevistas tiveram como base de estudo a gramática normativa, porém, com métodos e didáticas diferentes. Os professores atuais, principalmente, estão numa busca mais eficaz quando se trata da aula dessa disciplina, já que, os métodos tradicionais estão inválidos, segundo as opiniões coletadas. Uma minoria dos professores consegue trazer para a gramática uma contextualização que possam envolver os alunos.

Nesse contexto histórico, encontra-se um conjunto heterogêneo de concepções de língua portuguesa e de seu ensino em que concorrem saberes gramaticais tradicionais, saberes produzidos pelos estudos linguísticos e ideias elaboradas em conformidade com a teoria da comunicação.

Por fim, pode-se constatar, com base nas observações realizadas neste trabalho, que a gramática é um grande pesadelo nas aulas de português, principalmente por causa das suas normas no processo de ensino e aprendizagem na formação de alunos e professores.

Referencias

- OLIVEIRA, Aroldo Magno de. art. Gramática e ensino de língua: perspectivas científicas e ideológicas. Site www.uff.br/fenffrevistaquerubim/imagens/.../artigos/003_2006-02.doc
- BEZERRA, Mirelle Maria de Freitas. monografia: FAMÍLIA, TRADIÇÃO E DOMINAÇÃO POLÍTICA. Quixadá-CE, 2007.

- SOUSA, Antônio Carlos Santana de. Art. Ensino de gramática¹. PUC-São Paulo, 2008.
- TONIAZZO, Neoremi de Andrade. Art. Didática: a teoria e a prática da educação. São Paulo, 2009.
- www.filogia.org.br/revista/36/06.htm-joaoripeno. Visto as 15h40minhrs.
- www.ufregs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/.../mariairacesousacosta.pd... Visto as 15h50minhrs.
- sociolinguisticaeensino2011.blogspot.com.br/p/gramatica-ensinar-ou-naoes-questao.html. Visto as 16:h08minhrs.
- Farias, Airton de. História do Ceará/Airton de Farias-1º reimp. -6 ed. rev. Ampl-Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.
- ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. História da educação no Brasil. Ed: vozes, 8º edição. Rio de Janeiro-Petrópolis, 1986.